



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

JHONE ARRUDA DE REZENDE

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) NA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL: MEMÓRIAS DE EX-COMBATENTES E
FAMILIARES**

CAMPO GRANDE-MS
2024

Ficha catalográfica

JHONE ARRUDA DE REZENDE

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) NA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL: MEMÓRIAS DE EX-COMBATENTES E
FAMILIARES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
História da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul para obtenção da
Licenciatura em História sob orientação do
professor Jorge Christian Fernandez.

**CAMPO GRANDE-MS
2024**

TERMO DE APROVAÇÃO

Nome: Jhone Arruda de Rezende

Título: **A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: MEMÓRIAS DE EX-COMBATENTES E FAMILIARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção da Licenciatura em História sob orientação do professor Jorge Fernandez.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Jorge C. Fernandez

Instituição: UFMS

Julgamento: _

Assinatura

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento: _

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a

Instituição:

Julgamento: _

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a

Instituição:

Julgamento: _

Assinatura: _

CAMPO GRANDE-MS
2024

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo historicizar a participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por meio da bibliografia, mas somado aos relatos orais e escritos de ex-combatentes e da memória destes transmitida aos familiares. A memória dos “pracinhas” fortalece os laços entre os familiares dos veteranos e constrói uma narrativa própria, uma leitura subjetiva diferente das histórias oficiais e institucionais. Pretende-se, com isso, contribuir para preservação das memórias dos “pracinhas”, cujas experiências de vida devem fazer parte da “História Nacional”. Assim foram utilizadas, como fontes de pesquisa, entrevistas com familiares de veteranos, sobre a permanência na Itália e seu retorno ao Brasil, bem como entrevistas publicados em livros e meios de comunicação, das quais analisamos o conteúdo. Para a entrevista com os familiares dos veteranos utilizamos a metodologia da história oral.

Palavras-Chave: FEB; Memória; Segunda Guerra Mundial; pracinhas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Soldado Alexandre Patrício Rezende.....	14
Figura 2: Grupo de expedicionários, com o soldado Alexandre Patrício Rezende, o segundo da esquerda para a direita. São João del-Rei – Despedida na Igreja Nossa Senhora das Mercês	15
Figura 3: Navios e suas respectivas tripulações, pertencentes à Flotilha de Mato Grosso, atual 6º Distrito Naval, da Marinha de Guerra: o PARNAÍBA e o PARAGUASSU, participantes da Segunda Guerra.	18
Figura 4: Composição do 15 Grupo de exércitos aliados	20
Figura 5: Arquivo familiar	23
Figura 6: Soldado Alexandre Rezende Patrício e companheiros	25
Figura 7: Brasileiros e alemães.....	28
Figura 8: O General Otto Freter, comandante da 148ª divisão alemã, apresentando a rendição de sua tropa ao General brasileiro Zenóbio da Costa (Arquivo do Exército Brasileiro).	29
Figura 9: próximo da tomada de Monte Castelo	30
Figura 10: Catedral de Pisa, arquivo familiar.....	31
Figura 11: Reprodução/Cláudio Cunha	32
Figura 12: Casamento de Alexandre P. Rezende e Marcionilia A. Rezende	34
Figura 13: Desfile dos ex-combatentes, 7 de setembro 1970, rua 14 de Julho Campo Grande-MS	35
Figura 14: Alexandre Patrício Rezende, Itor Benedito Rezende, João Epitacio Rezende e Jhone A. Rezende	36

SUMARIO

INTRODUÇÃO	6
CAPITULO 1 – OS ANTECEDENTES DA ENTRADA DO BRASIL NA 2ª GUERRA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DA FEB (A PARTIR DE 1942)	9
CAPÍTULO 2: A FEB EM COMBATE E AS EXPERIENCIAS DOS PRACINHAS ...	14
CAPITULO 3: A VOLTA AO BRASIL	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERENCIAS	39
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

As histórias dos ex-combatentes e suas experiências na Segunda Guerra Mundial foram motivos para elaboração deste trabalho, trazendo a visão de um cenário catastrófico e seus efeitos na vida pós-guerra, desde a participação na sociedade, como na construção da família. Esse estudo visa apresentar alguns aspectos de memórias de alguns ex-combatentes brasileiros e familiares, em solo italiano durante o Teatro de Operações da Força Expedicionária Brasileira-FEB.

Desta forma, utilizamos entrevista com familiares do ex-combatente Alexandre Patrício Rezende, falecido aos 58 anos em 1979, o qual tinha o hábito de contar suas experiências, quando se reunia com amigos e parentes em rodas de conversa, nas quais pude participar de algumas. Fazia relatos de episódios vivenciados durante o período da Segunda Guerra Mundial; também incentivava os familiares a ter o hábito de assistir aos desfiles das forças armadas no dia 7 de setembro, realizado na rua 14 de Julho em Campo Grande, assim como em outras cidades do Brasil, ocasiões onde sempre havia um pelotão de ex-soldados da FEB que participavam orgulhosos, sendo ovacionados pela multidão que compareciam em massa.

Como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, foi escolhido o tema com a oportunidade também de contribuir com os registros de mais um ex-combatente que fez parte da FEB.

Será feita uma breve contextualização do momento político vivido no Brasil, sendo o Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas, com as articulações na política externa, acordos financeiros e diplomáticos, os quais culminaram na entrada do Brasil na guerra contra o Eixo Alemanha e Itália.

Para a narrativa dos fatos, utilizamos as memórias, pois através da memória, busca-se o passado em diversos interesses, como política, economia, religião dentre outros assuntos, os quais podem ser utilizados para exaltar ou abater uma personalidade ou um acontecimento, até mesmo pelo simples fato de subtrair algum detalhe, o qual pode se tornar muito importante para o objetivo a ser alcançado.

Para corroborar com este trabalho, foram também utilizadas algumas citações de Michael Pollak, sociólogo com pesquisas na área da ciência social e memória, o qual nos diz:

Acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK,1992, p.201).

Algumas memórias traumatizantes ficam adormecidas por um período, devido alguns sentimentos e sofrimentos, que não possam vir a público, mas podem vir à tona em momento oportuno e serem transmitidas oralmente. conforme Pollak (1989)

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação (POLLAK,1989, p. 12).

Através de entrevista, resgatamos a memória e pela História Oral, registrando os relatos de fatos históricos, bem como experiências pessoais, dentre outras possibilidades, conforme a Historiadora Janaina Amado, especialista em História Moderna e História Oral; o historiador deve saber que as informações divulgadas em seu trabalho trarão consequências imediatas para ele próprio, pois os informantes podem reagir aos dados e interpretações publicadas, com diversos tipos de manifestações, como de agrado, descontentamento, fúria, gratidão, felicidade ou descaço, o que pode gerar uma série de consequências, de acordo com Amado (2012).

Algumas dessas consequências serão benéficas para os entrevistados. Uma das maiores alegrias de fazer História oral é, justamente, presenciar um ex-informante a exibir orgulhoso, emocionado, para parentes e amigos, trechos da entrevista que concedeu, publicada em revista ou livro. Quanto mais humilde o informante, mais tenderá a valorizar uma experiência que lhe rende reconhecimento e prestígio nos círculos que frequenta (AMADO,2012, p146)

A história oral é importante para recuperar informações sobre eventos, os quais foram pouco divulgados ou negligenciados, é uma forma de ouvir e processar informações de pessoas comuns, trabalhadores, minorias étnicas, povos indígenas e outros, assim tenham suas vozes ouvidas e suas histórias contadas, através de entrevistas gravadas, transcritas e analisadas pelos historiadores (AMADO,1997).

Uma atitude importante é a ética nos procedimentos metodológicos, segundo Amado (1997, p. 155) refere-se ao historiador se manter fiel as palavras do informante, mantendo o sentido em relação ao tema central do assunto da entrevista;

também é preciso deixar claro ao informante quanto ao objetivo do trabalho e o que poderá ser feito com o material obtido.

A memória coletiva já foi incorporada como fonte de pesquisa para vários historiadores. Existem projetos que, além da parte acadêmica, se utilizam dessa ferramenta, com o objetivo de dar mais sentido ao passado, a partir de um ponto comum de referência. A realidade de alguns acontecimentos coletivos, é um desafio interdisciplinar, pois alguns fatos são muito abrangentes, para serem descritos requer ultrapassar algumas dificuldades, sociais, psicológicos, dentre outras. Algumas pessoas tentam descrever, rompendo seu refúgio que encontraram para os problemas relacionados à violência e ao sofrimento.

Assim, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial tem despertado bastante interesse da historiografia. Existem vários trabalhos acadêmicos sobre o assunto, como autores: Sirio Sebastião Fröhlich, Gerson Moura, Ricardo Bonalume Neto dentre outros, bem como relatos de ex-combatentes em diversas fontes como cartas, entrevistas, vídeos, documentários, dentre outras fontes históricas, feitos no Brasil.

Então, para realizar este trabalho, foram utilizadas arquivos, fotos, entrevistas de outros ex-combatentes já publicadas e outras publicações, sobre a sequência dos fatos ocorridos durante a participação da FEB, na Segunda Guerra Mundial, com base nas memórias e documentos produzidos fazendo um cruzamento dos resultados de diversas fontes, contribuindo para historiografia nacional.

No capítulo 1 será tratado o contexto político em 1942, durante os afundamentos de navios e a criação da FEB.

No capítulo 2 as ações da FEB em combate e as experiências das pracinhas.

No capítulo 3 a volta para o Brasil.

CAPITULO 1 – OS ANTECEDENTES DA ENTRADA DO BRASIL NA 2ª GUERRA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DA FEB (A PARTIR DE 1942)

No início da guerra, o Brasil esforçou-se para permanecer neutro durante a maior parte, cooperando com a Alemanha e os Estados Unidos na esperança de melhorar as suas próprias forças militares e situação econômica. De acordo com PADRÓS e col (2000, p.205) o Brasil buscava oportunidades para ampliar seu papel no cenário internacional, mantendo uma relação com Alemanha estável, tanto que o General Wilhelm Faupel, diretor do instituto Ibero-Americano de Berlim, convidou personalidades políticas e profissionais de destaques a visitarem a Alemanha.

Mas em janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão. A partir daí os brasileiros contribuíram ativamente para a causa aliada (os países iniciais: Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) por terra, ar e mar, tendo perdido até o fim da guerra o Brasil 1.889 soldados e marinheiros; 31 navios mercantes, 3 navios de guerra e 22 aviões de combate (MCCANN, 1979). Embora o Brasil fosse uma potência aliada secundária, era o principal aliado na América do Sul; no entanto, a historiografia muitas vezes excluiu ou deturpou a participação brasileira. Frank McCann destacou esse ponto, observando:

Estranhamente, embora o Brasil tenha hospedado, em Natal, a maior base aérea dos Estados Unidos fora do seu próprio território, e, em Recife, a Quarta Frota dos EUA; e embora tenha vinculado sua economia à máquina de guerra americana, enviado sua marinha em busca de submarinos alemães e fornecido uma força expedicionária e um esquadrão de caça na frente italiana, o Brasil, de uma forma misteriosa, foi incluído na memória popular no exterior como pró- nazista (MCCANN, 1979, p. 1).

O Brasil foi “agrupado” com outras nações “pró-nazistas” porque, primeiro, a cooperação brasileira é regularmente confundida com a dissidência argentina. Em segundo lugar, como Shawn Smallman (1998, p. 25) explicou que, mesmo depois que o Brasil declarou guerra, alguns oficiais militares de alto escalão “se opuseram à Aliança da Segunda Guerra Mundial com os Estados Unidos e a Inglaterra, países que consideravam imperialistas e potências que ameaçavam a soberania brasileira”.

Mas entre fevereiro e agosto de 1942, os submarinos alemães no Atlântico Sul afundaram pelo menos treze navios mercantes brasileiros. O mais devastador destes ataques ocorreu entre 15 de agosto e 19, quando o U-507 afundou cinco navios, matando entre 600 e 650 oficiais, soldados, marinheiros, mulheres e crianças

(BONALUME, 1995, p 49). À medida que a notícia dos ataques se espalhava pelas cidades brasileiras, provocava ataques antieixo, manifestações e até tumultos. Em vários locais do país, os cidadãos atacaram tanto alemães como italianos, assim como algumas empresas oriundas de países do Eixo. Os cidadãos e organizações de classes, pediam por uma declaração de guerra. Falando deste período, o General reformado Geraldo Augusto D'Abreu lembrou:

Os brasileiros ficaram indignados e participaram de repetidas manifestações em frente ao Palácio do Catete, convocando o presidente Vargas e exigindo que o Brasil entrasse na guerra. Há até Figuras da temporada muito interessantes, mostrando o número de pessoas de todas as esferas da vida que exigiram que o Brasil declarasse guerra ao Eixo (D'ABREU, 2001, p. 82)

Vargas, de acordo com Moura (2012, p117), portanto, assumiu um risco calculado e formalizou a aliança Brasil-Americana – acreditando que tal aliança garantiria ao Brasil a assistência econômica que precisava para industrializar sua economia e as armas militares necessária para modernizar as forças armadas brasileiras. Os Estados Unidos forneceram ao Brasil mais de 200 milhões de dólares em ajuda, 70% de todos os equipamentos *Lend-Lease*¹ dos Estados Unidos enviados para a América Latina. Posteriormente, o Brasil emergiu da guerra como o poder econômico e militar dominante da América do Sul.

Em 1943, vários indivíduos, incluindo o ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, estavam incentivando o presidente Vargas a desempenhar um papel mais ativo na guerra. Portanto, na Conferência de Natal, em janeiro de 1943, Vargas reuniu-se com Roosevelt e discutiu a possibilidade de mobilização de uma Força Expedicionária Brasileira-FEB. Então Vargas pretendia enviar um contingente para o Norte da África, Roosevelt revelou que as autoridades norte-americanas preferiram enviar tropas brasileiras para os Açores e Madeira. Para o Brasil, o teatro de operações era uma preocupação secundária (HILTON, 1983).

Em 5 de março de 1943, o presidente Vargas aprovou o memorando de Dutra sobre a criação da força expedicionária, porém, o governo e os militares estavam conscientes que precisavam de equipamento militar moderno, mas apenas os EUA podiam fornecer, sem isso era impossível treinar ou mobilizar uma força de combate

¹ O termo "Lend-Lease" se refere à política implementada pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, na qual o país fornecia assistência militar e econômica para os Aliados. A expressão significa "arrendar e emprestar", equipamentos, suprimentos e outros recursos necessários para a guerra emprestando ou arrendando esses itens aos países aliados. Essa política foi essencial para fortalecer as nações aliadas e contribuir para a vitória contra as Potências do Eixo (CARVALHO, 1982).

adequada. Portanto, quando Roosevelt comprometeu-se com o fornecimento de uma força brasileira, tornou possível a sua criação. Pouco depois da conclusão da conferência de Natal, o Departamento de Guerra “inverteu a sua posição e apoiou o emprego de tropas brasileiras no exterior” (MOURA, 2012, p. 127). Quando o exército começou a planejar o envio de uma força expedicionária, seus funcionários mais graduados estavam cientes de que as fileiras ainda estavam fragmentadas; todavia eles permaneceram ativamente envolvidos em todos os aspectos da missão da FEB, desde sua organização até sua desmobilização. Os comandantes, especialmente Dutra, esperavam evitar que a FEB se tornasse uma forte força política dentro do Brasil ou do exército (MOURA, 2012).

Vargas sancionou a criação da FEB, esperando, conforme Mccann (1995, p. 344) “reestruturar seu governo ao longo de linhas populistas enquanto o povo estava distraído com façanhas militares”. Outros grupos, no entanto, também foram interessados no resultado da sua missão. Os militares encararam a guerra como uma oportunidade para aumentar a sua estatura nacional e internacional e os idealistas democratas acreditavam que uma guerra contra o fascismo inspiraria a população a derrubar a ditadura de Vargas.

Em 9 de agosto de 1943, pela Portaria Ministerial nº 4.744, publicada em boletim reservado de 13 do mesmo mês, foi estruturada a Força Expedicionária Brasileira – FEB, com 25.334 brasileiros, carinhosamente chamados de “pracinhas” e 67 mulheres enfermeiras. Desde o seu início até o momento da sua desmobilização em 6 de junho de 1945, a FEB enfrentou continuamente grandes batalhas organizacionais e de relações públicas. Algumas dessas batalhas resultaram de calúnias políticas; no entanto, outros foram o resultado de uma intensa campanha de propagandistas da ²Quinta Coluna que efetivamente disseminaram mensagens pró-nazistas, por simpatizantes do eixo no Brasil (SMALLMAN, 1998).

Em janeiro de 1944, o Ministério da Guerra, num esforço para reforçar o apoio público à força expedicionária, organizou um comício no Teatro Municipal, no centro do Rio de Janeiro, com alto-falantes alinhados nas calçadas da Cinelândia, proporcionando ao cidadão comum a oportunidade de ouvir os discursos, mas

² Quinta coluna é uma expressão considerada sinônimo de traição, caracterizada pela reunião de um grupo de pessoas que atuam clandestinamente com a intenção de trair os seus companheiros, a sua pátria ou sua organização (<https://www.significados.com.br/quinta-coluna/>)

relatórios oficiais indicaram que poucas pessoas pararam para ouvir. De acordo com Mccann (1995, p. 375).

O plano original previa o envio da FEB para África e depois para a Europa em fevereiro de 1944; no entanto, os restos finais da divisão só chegaram ao Rio de Janeiro na quarta semana de março de 1944. Mesmo assim, a maioria dos soldados das forças de combate chegaram sem treinamento suficiente ou familiaridade com as táticas americanas e armamentos. Os exames médicos complicaram ainda mais a situação; durante o reexame de recrutados, os médicos descobriram recrutas com tuberculose, problemas psicológicos, hérnia, daltonismo, parasitas circulatórios e respiratórios e dois recrutas que sofriam de lepra (MCCANN, 1995).

O Brasil tem uma história repleta de homens que encontraram formas criativas de escapar do recrutamento e isso continuou a ser o caso em 1944. Portanto, os instrutores refutaram “o boato infame de que muitos homens preferem desertar ou serem fuzilados em vez de embarcar para o exterior” (MOTTA, 2001, p. 145). Antes de embarcar para a Itália, a FEB viveu um ritmo desmoralizante, com deserções, inclusive de militares de carreira, fazendo que houvessem trocas de comando em alguns setores do exército, além da questão do racismo entre oficiais conservadores, tendo ainda alguns que conseguiram burlar o sistema e foram militares voluntários para embarcar com a FEB (BONALUME, 2021).

Em 25 de Maio de 1944, o Gabinete do Chefe do Estado Maior (Chefe da Casa Civil), seriamente preocupado com o moral dos soldados e suas famílias, enviou ao quartel-general da Primeira Divisão de Infantaria a ordem com Medidas de Contra Propaganda. A maioria do povo brasileiro ainda não considerava o serviço militar uma atividade honrosa; a propaganda divulgada pela quinta coluna nazista estava impactando negativamente o estado de moral brasileiro; os febianos duvidavam do apoio integral do governo (SMALLMAN, 1998).

O comando do Exército Brasileiro ordenou a seus instrutores que reforçassem a missão oficial do governo. Essa posição afirmava que o Brasil foi arrastado para essa decisão séria e suprema como consequência dos ataques desumanos sofridos pelos companheiros nas embarcações, que viajavam ao longo da costa brasileira. Os ataques desumanos referidos pelo exército ocorreram durante a ofensiva naval alemã conhecida como Operação Drumbeat (D'ABREU, 2001).

A propaganda fez com que os civis questionassem a relação do Brasil com as potências aliadas e sua capacidade de gerar não só uma, mas quatro divisões de infantaria. Como explicou Plínio Pitaluga (*In* MOTTA, 2001, p. 145): “Ninguém acreditava que fosse possível organizar a FEB e muito menos navegar para a Itália. Eles disseram que permaneceriam indefinidamente em treinamento no Gericinó, no Rio de Janeiro”. Segundo a piada, Adolf Hitler, ao saber da intenção militar do Brasil, disse: “a FEB navegaria no dia em que as cobras brasileiras começassem a fumar cachimbo” (MCCANN, 1995, p. 375). Pouco depois dos primeiros regimentos chegando a Nápoles, a imagem de uma cobra fumando cachimbo foi adaptada como insígnia da FEB.

Em 1944, Vargas já conseguiu aprovar leis destinadas a fornecer apoio aos militares veteranos; no entanto, a maioria permaneceu cética quanto à implementação dessas leis. Manifestaram preocupações justificadas sobre o recebimento de pensões e outros apoios governamentais para veteranos (ALVES, 2002). O momento político era dual, pois com a implantação de leis comerciais e trabalhistas, atingindo vários setores, crescia a oposição política, porém, a classe média e setores de esquerda eram favoráveis aos movimentos em relação ao envio da FEB (MOURA, 20012)

Mesmo com este clima de instabilidade na política, a FEB partiu para Itália. conforme será apresentado nos próximos capítulos, sobre a participação do Brasil com a Força Expedicionária Brasileira- FEB, através de entrevistas com descendentes e ex-combatentes, em conjunto com material pesquisado em outras fontes.

CAPÍTULO 2: A FEB EM COMBATE E AS EXPERIÊNCIAS DOS PRACINHAS

A seguir alguns eventos vivenciados pelos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial, descrito pelo nosso entrevistado Itor Benedito de Rezende, filho do Soldado da FEB Alexandre Patrício de Rezende (figura 1), identificado com o número 9G - 35770, servindo no Depósito de Intendência da Força Expedicionária Brasileira – FEB e do 9º Batalhão de Engenharia.



Figura 1: Soldado Alexandre Patrício Rezende

Fonte: Arquivo de família

Para melhor entendimento dos eventos e cronologia, foram utilizadas algumas literaturas e relatos de ex-combatentes descritos em publicações consultadas na pesquisa como “Vozes da Guerra”, “História Oral do Exército na Segunda Guerra

Mundial”.

Foram convocados para compor a FEB, soldados de diversos estados do Brasil, inclusive de algumas cidades como Aquidauana, Campo Grande e Três Lagoas, cidades do antigo Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul, saindo em direção ao Rio de Janeiro, participaram de uma missa na cidade de São João Del Rei em 1944(figura 2).



Figura 2: Grupo de expedicionários, com o soldado Alexandre Patrício Rezende, o segundo da esquerda para a direita. São João del-Rei – Despedida na Igreja Nossa Senhora das Mercês

Fonte: Arquivo de família

A cobra acendeu seu cachimbo na manhã de 2 de julho de 1944, quando o USS General WA Mann navegou da Baía de Guanabara e, após árduas negociações diplomáticas e planejamento militar, o Primeiro Esquadrão de Embarque da Força Expedicionária Brasileira acompanhado de seu comandante general Mascarenhas de Moraes despediu-se do Brasil, dentre os quais o 9º Batalhão de Engenharia – 9º BE, atualmente denominado 9º Batalhão de Engenharia de Combate - 9º BECmb, o "Batalhão Carlos Camisão", de Aquidauana - MS, comandado pelo Coronel José Machado Lopes, com 679 militares.

Enéas Araújo (*apud* FRÖHLICH, 2015, p.60) relatou sobre o embarque:

Saímos da Vila Militar num trem todo fechado, trancado. Não era permitido abrir nem as janelas. O meu batalhão foi o segundo a deslocar; no dia anterior, já havia deslocado o 1º Batalhão. A gente não sabia se era exercício ou outra coisa. Quando chegamos ao porto, aquele colosso de navio, de mais de 100m... Antes de embarcarmos, o presidente Getúlio Vargas compareceu ao navio e fez um discurso.

De acordo com o entrevistado (ITOR, 2024) ao refletir sobre a noite anterior à sua saída do Rio de Janeiro, o ex-combatente Alexandre Patrício Rezende contou:

[...] os soldados conseguiram um violão e começaram a tocar seu Samba, contagiando a todos, inclusive estrangeiros, que vieram observar acharam muito interessante, porque os brasileiros eram diferentes das outras pessoas que transportavam, que normalmente viajavam tristes e abatidos. Os brasileiros não; no primeiro dia em que acordaram em alto mar já fizeram suas músicas depois que atravessaram o equador, nessa época um conjunto musical começou a tocar um "samba", onde quase todos cantaram e dançaram. A animação era tão boa que até os soldados que estavam passando mal se animavam e enchiam de coragem, esquecendo que estavam doentes, caindo no samba com muita animação.

Pedro Vidal, (apud FRÖHLICH, 20015, p.62) passou pela experiência, mas no General Meigs, diz que:

Coisa linda! A Estação Primeira de Mangueira e o Salgueiro tocando... A gente olhava pela escotilha do navio de transporte americano General Meigs e via a bateria das escolas tocando para nós. Dali a pouco, deu sono. Deitei no beliche e adormeci. Quando fui perguntar para um marinheiro, este disse que o navio já havia desatracado e estava se deslocando para a Itália.

A Força Expedicionária Brasileira foi enviada à Itália em cinco esquadrões de embarque. O primeiro esquadrão partiu em 2 de julho de 1944 e o quinto partiu em 8 de fevereiro de 1945. O Primeiro Esquadrão de Embarque Avançado era composto por:

[...] o quartel-general do 1º EID; Gernarl Staff do 1º EID; o 6º Regimento de Infantaria da 4ª Companhia e o 1º Pelotão de Morteiros do 11º Regimento de Infantaria; o II/1º Regimento de Morteiros Autopropelidos; A 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenheiros; um terço da Seção de Supervisão e Manutenção do 9º Batalhão de Engenheiros; 1º Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento; a Seção de Reconhecimento e elementos da Seção de Comando da 1ª Companhia de Comunicações de Sinais; a 1ª Companhia de Evacuação, o pelotão de tratamento e elementos da seção de comando, todos do 1º Batalhão Médico; a Empresa de Manutenção; o Pelotão de Polícia Militar; um Pelotão de Veículos; uma seção do Pelotão de Serviço e elementos da Seção de Comando da 1ª Companhia de Abastecimento; e elementos do BEF anexados ao 1º EID; os Correios, o Depósito de Abastecimento, o tesoureiro estacionário; correspondentes de guerra, elementos do Hospital Primário, Serviço de Justiça e Banco do Brasil. Dos 5.075 do esquadrão, 304 eram oficiais (MORAES, 1965, p. 14).

Na primavera e no verão de 1944, os planejadores e diplomatas americanos estavam cientes de que tanto a aliança Brasil-Americana quanto o governo ditatorial de Getúlio Vargas foram extremamente frágeis. Além disso, eles sabiam que um

ataque de submarino nazista contra o único exército representando o Brasil e a América Latina teria ramificações políticas devastadoras, portanto, ambos os governos utilizaram todas as precauções de segurança disponíveis para garantir que a FEB chegasse ao teatro de operações pretendido. O Comandante da FEB foi informado que a marinha mercante brasileira não seria responsável pelo transporte da FEB. Em vez disso, navios americanos maiores e mais rápidos, que poderiam transportar até 6.000 homens, seriam responsáveis pelo transporte de tropas (MORAES, 1965).

De acordo com entrevistado (ITOR,2024):

Embora o Brasil não possuísse navios necessários ao transporte, vários contratorpedeiros brasileiros, acompanhados por outros da Marinha dos EUA, escoltaram o transporte de tropas através do Oceano Atlântico. Enquanto o comboio partia do Rio, três contratorpedeiros brasileiros e um dirigível americano acompanhou-o até o mar; vários outros navios de guerra americanos logo se juntaram ao comboio.

Em 14 de julho o comboio chegou ao Estreito de Gibraltar onde se encontrou com a Marinha Real. Nesse momento, a Marinha do Brasil se despediu de seus compatriotas e iniciou a viagem de volta ao Brasil. O General Mascarenhas de Moraes aproveitou a ocasião para transmitir ao comandante da frota brasileira: “Em nome dos brasileiros aqui a bordo, estão partindo para que a linha de frente continue o glorioso trabalho da nossa marinha em defesa da nossa soberania, envio minha despedida e profunda gratidão por sua proteção antissubmarino”. Mascarenhas de Moraes recebeu a seguinte resposta. “Os representantes da Marinha do Brasil tiveram a grande honra em escoltar nossas forças e todos enviam nossos votos de sucesso e maior glória das Forças Brasileiras” (MOTTA, 2001, p.318)

Da cidade de Ladário, atual Mato Grosso do Sul, também foram enviadas embarcações (figura 3) conforme informa Costa (2021):

Além da FEB, que era tropa do Exército, participaram da guerra dois navios e suas respectivas tripulações, pertencentes à Flotilha de Mato Grosso, atual 6º Distrito Naval, da nossa Marinha de Guerra: o PARNAÍBA e o PARAGUASSU. Ambos eram navios monitores, de fundo chato, destinados à navegação fluvial. Apesar disso, enfrentaram as altas ondas do Oceano Atlântico, seguiram para o Rio De Janeiro, onde foram preparados para a guerra, após o que, seguiram para o litoral da Bahia, de onde partiam para realizar a proteção de outros navios, escoltas de comboios, e a caça aos submarinos inimigos, tendo patrulhado o litoral brasileiro desde o Rio De Janeiro, passando por Recife, até a ilha de Trinidad e percorrido, aproximadamente, 3.570 milhas náuticas, durante todo o conflito (COSTA 2021, p.11)



Figura 3: Navios e suas respectivas tripulações, pertencentes à Flotilha de Mato Grosso, atual 6º Distrito Naval, da Marinha de Guerra: o PARNAÍBA e o PARAGUASSU, participantes da Segunda Guerra.

Fonte: Arquivo de família

À medida que o comboio continuava a sua viagem através do Mediterrâneo, aeronaves e dirigíveis baseados no Norte da África forneceram cobertura aérea permanente. De acordo com entrevistado (ITOR, 2024):

A viagem para Itália foi árdua, pelo desconforto...algumas camas eram macas e foram improvisadas, tivemos que manter nossos coletes salva-vidas o dia todo – dormir, comer – esse foi uma das ordens que o capitão do navio exigia rigorosamente.

Como a Marinha transportou mais de 5 mil homens em cada um dos cinco esquadrões de embarque, o espaço a bordo dos navios de transporte era apertado e

a logística de alimentos a preparação foi complicada. A combinação de espaços apertados, rações pequenas, náuseas e uma sensação geral de apreensão fez com que muitos dos febianos permanecessem doentes em seus beliches durante a maior parte da viagem (MOURA, 2012).

Com exceção de alguns grupos, incluindo a polícia militar, oficiais e praças apenas recebia uma refeição completa por dia. Contudo, para complementar as rações diárias a tripulação preparou e distribuiu sanduíches aos homens em seus alojamentos. Durante a viagem, vários soldados recordaram que a fome era um dos muitos desconfortos que enfrentavam. Segundo Plínio Pitaluga (*apud* MOTTA, 2001, p. 145)

A viagem naqueles navios cheios foi uma experiência nova para todos nós. A comida era diferente, a disciplina era dura e era necessária muita limpeza. Os alojamentos estavam abaixo da linha da água e havia o perigo de o navio ser torpedeado.

Waldemar Levy Cardoso (*apud* MOTTA, 2001, p. 14) concluiu ainda:

A viagem foi sacrificante para a tropa pela dificuldade do fornecimento de uma alimentação diária completa e pelos contínuos blecautes. Oficiais e praças só faziam uma refeição por dia, com exceção dos militares de serviço e aqueles em serviço especial, entre os quais eu estava incluído, por ter sido designado chefe de polícia de bordo. Realmente era impossível, materialmente impossível, alimentar mais ou menos cinco mil e quinhentos homens, amontoados num porão.

A maioria dos soldados da FEB nunca tinha saído do Brasil. Menos ainda eram os que tinham visto neve, ou escalado algo mais alto que uma colina (BONALUME, 2021, p. 134) alguns vieram de pequenas cidades rurais e bairros urbanos pobres, outros nunca tinham visto o mar e nem embarcações como aquelas. De acordo com entrevistado (ITOR,2024):

Antes de chegar ao Mediterrâneo, os soldados ficavam de calção e camisetas, mas aí o clima mudou de repente e tiveram que colocar roupas urgente, tiveram que passar pela costa da África, diversas vezes soaram os alarmes durante a viagem, mas só ouviam o barulho de ataque alemão ao longe, devido a carga de profundidades utilizadas pelos navios escoltas. certas medidas, incluindo a necessidade de o navio ser “apagado”, tornaram a viagem muito difícil para os febianos. Para cumprir a tarefa de escurecer o navio, “todos os embarcados o pessoal foi amontado em seus alojamentos, que foram fechados para evitar o vazamento do menor raio de luz”

Quando partiram do Rio de Janeiro, o plano previa que desembarcassem no Norte da África onde existiam “depósitos de equipamento” e “áreas de treinamento”. Lá, o Exército dos EUA deveria equipar e treinar os brasileiros antes de serem transportados para o front na Itália (ALVES, 2002).

Para aqueles que chegaram com o primeiro contingente, o futuro deve ter parecido sombrio. Devido aos problemas com o transporte, os equipamentos americanos da FEB demoraram quase um mês para chegar e, enquanto isso, os brasileiros souberam que os uniformes e botas foram enviados do Brasil eram “inutilizáveis”. Em poucas semanas, ambos estavam estragando. Além disso, os febianos não tinham recebido treino de combate suficiente e a maioria ainda não estavam familiarizados com o armamento moderno, mas a FEB, não se deteve por estas e outras adversidades (PEREIRA, 2015).

Conforme entrevistado (ITOR, 2024):

o contingente brasileiro fora dividido em 5 esquadrões, sendo dividido em 3 escalões, o primeiro houveram muitas baixas, o meu pai (Alexandre Patricio Rezende) foi no segundo e o terceiro não entrou em combate, foi preciso a troca de uniformes, semelhante aos dos estadunidenses, pois os dos brasileiros não eram de boa qualidade e ainda pareciam com os alemães, os armamentos também, em alguns momentos foi trocado o mosquetão pelo fuzil, sendo as munições semelhantes, mas as armas recuperadas do inimigo em boas condições também eram utilizadas.



Figura 4: Composição do 15 Grupo de exércitos aliados

Imagem: ANVFEB

Quando os febianos chegaram a Nápoles ficaram felizes em deixar o espaço apertado do seu transporte; no entanto, ninguém poderia saber que as muitas dificuldades que encontraram ao cruzar o oceano desapareceram em comparação com aqueles que enfrentariam na Itália.

Conforme o entrevistado (ITOR,2024):

Mudaram o porto de desembarque de última hora, onde nenhuma das instalações estava disponível, no desembarque haviam soldados Marroquinos que colocavam fogo em umas latas para fazer fumaça e

dificultar a visão dos alemães, viram ao longe, o ataque ao porto que seria de desembarque. Talvez fosse um sinal das dificuldades que os febianos encontrariam no futuro imediato que quando desembarcados em Nápoles, os italianos viram seus uniformes verde oliva e os trataram com hostilidade porque confundiram as tropas desarmadas com prisioneiros alemães.

De acordo com Bonalume (2021, p. 136), “os brasileiros não escaparam de alguns palavrões dos italianos já cansados do velho aliado que trouxe a guerra para seu país.” No entanto, “Os palavrões cessaram quando os italianos viram negros entre “prisioneiros”, e concluíram sabiamente que não podiam ser alemães”, a FEB era composta por uma grande variedade racial, com brancos, negros, mulatos, amarelos, indígenas e descendentes de diversos povos que compõem o Brasil.

No seu diário, Augusto Alfredo Pinto (*apud* MATOS, 2001) fez um relato detalhado dos acontecimentos ocorridos depois de chegar em Nápoles:

16 de julho de 1944 – domingo pela manhã, começamos a entrar no Porto de Nápoles, onde avistamos mais de cem navios cargueiros e de guerra. No ar, dezenas de balões estavam amarrados. O porto está minado, há muitos navios e até submarinos submersos e destruídos. A cidade, principalmente a área próxima ao Porto, foi quase destruída. Nas ruas via-se gente coberta de trapos, quase nua. A maioria das pessoas se vestia de preto. Depois de desembarcarmos, marchamos cerca de 30 minutos até uma estação subterrânea, onde pegamos um trem no qual viajamos cerca de 20 minutos, quase exclusivamente abaixo do solo. Depois de saltarmos do trem, isso foi por volta das 15h, marchamos quase duas horas por estrada onde de vez em quando víamos acampamentos de tropas americanas. Fizemos a marcha nos sentindo muita fome, porque só nos serviram uma pequena refeição no navio às quatro da manhã.

Durante o movimento, encontramos italianos que trocavam vários pêssegos e ameixas por dois ou três cigarros. Pareciam loucos por cigarro, porque avançavam como leões. Nas estradas também encontramos caminhões com soldados italianos que nos imploravam por um cigarro. Chegamos ao acampamento por volta das 17h. Nosso sítio estava localizado em um local cercado por uma montanha, no topo da qual existe uma espécie de muro onde vivem muitas famílias.

Nessa primeira noite dormimos ao relento e, como fiquei de guarda, tive que dormir no mato; então acordei com o pescoço inflamado. Durante a noite, um avião de observação desconhecido passou sobre nosso local e nossa defesa aérea posicionada no morro acima abriu uma violenta barragem que iluminou nosso acampamento. Aqui perto há um acampamento para soldados italianos e eles adoram conversar conosco e trocar frutas por cigarros. Eles contam histórias surpreendentes sobre os alemães, os factos parecem ser verdadeiros porque todos relatam as mesmas questões e temos provas de muito do que estão a dizer.

Onde é no nosso quartel, a poeira é incrível, tomar banho e lavar roupa é difícil. Durante o dia faz calor e à noite faz muito frio, mesmo sendo verão. À noite, usamos muita roupa para nos proteger do frio, pois recebemos três cobertores, dois uniformes de lã, um casaco, uma capa, ceroulas, camisa de lã e suéter. Quando o inverno chegar, acreditamos que será muito difícil (*apud* MATOS, 2001, p. 317).

O acampamento descrito por Alfredo Pinto era uma área densamente

arborizada na cratera do vulcão Astronia localizado perto do subúrbio de Bagnoli, perto de Nápoles. Quando os brasileiros chegaram no acampamento não encontraram edifícios e, na verdade, os americanos nem sequer entregaram tendas. Estranho que não tenham sido feitos preparativos para a chegada das forças brasileiras, afinal, antes naquela manhã, o tenente-general Jacob Loucks Devers, comandante de todas as forças americanas no Mediterrâneo, encontrou-se com os comandantes da FEB, de modo que os Estados Unidos estavam evidentemente antecipando sua chegada. A falta de tendas era apenas uma pequena preocupação para os comandantes brasileiros, que imediatamente entenderam que eles eram apenas um pequeno contingente ligado a um dos maiores exércitos do mundo (MATOS, 2001).

Com os acordos firmados pela Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos (JBUSDC), os Estados Unidos deveriam fornecer capacetes e armamentos aos brasileiros, mas o Brasil era responsável por fornecer uniformes adequados às suas tropas. Infelizmente, para os brasileiros, logo após sua chegada à Itália, ficou evidente que seus uniformes eram de tão má qualidade que já estavam caindo aos pedaços. A capa de chuva não era à prova d'água, as cores escorriam nos uniformes encolhidos e as botas desmoronavam (MCCANN, 1995).



Figura 5: Arquivo familiar

Depois de desembarcar em Nápoles em 16 de julho de 1944 o Estado-Maior e, provavelmente, a maioria dos outros febianos rapidamente compreenderam até que ponto estavam despreparados. De acordo com Bonalume (2021), os brasileiros foram incorporados ao 4º Corpo do 5º Exército dos EUA, encontraram outras unidades estrangeiras que não possuíam nenhum dos equipamentos modernos.

O Chefe do Estado-Maior Brayner estava bem ciente das muitas deficiências

que enfrentavam a FEB, e pelo menos uma vez acompanhou o General Mascarenhas de Moraes à sede de abastecimento, para solicitar ao comandante dos EUA suprimentos que os brasileiros estavam necessitados, (figura 5) incluindo uniformes (MCCANN, 1995).

Para Brayner (1968, p. 117-120), as implicações eram claras.

Não deveríamos ter vindo. Que é a verdade fria. Se viéssemos, por exemplo, como os sul-africanos, ou os canadenses, ou os novos neozelandeses, que trouxeram tudo do seu país, incluindo transporte e escolta marítima, os americanos teriam nos recebido com um sorriso número um. Mas estávamos lá apenas com bucha de canhão e a grande lealdade típica dos brasileiros

Antes de partir para a Europa, o principal obstáculo a uma formação adequada, foi a ausência de centros de treinamento e materiais adequados, sendo Os Estados Unidos o fornecedor de material bélico, porém, eles também estavam envolvidos em fornecer aos britânicos e soviéticos armamentos vitais para guerra. Com isso as autoridades brasileiras perderam algum poder de barganha (BONALUME, 2021).

Conforme o relato do entrevistado (ITOR,2024):

Os suprimentos para os soldados, uma parte veio dos Estados Unidos, como equipamentos, mas do Brasil vieram alimentos estragados, cigarros velhos, dentre outras coisas básicas, algumas notícias que chegaram a eles , foi que brasileiros oportunistas estavam enriquecendo, devido usarem o pretexto de envio de mantimentos para guerra, mas estavam comercializando o bom, e mandando o estragado, então não passaram fome devido ajuda dos ingleses, italianos e outras nações amigas, mas quando os brasileiros tinham também ajudavam.

Certa vez em uma roda de conversa com amigos e familiares ouvimos o ex-combatente Alexandre Rezende:

Quando chegamos próximo da região de Pisa, encontramos várias famílias de italianos em situação precárias, passando fome e sede, alguns de nós oferecemos parte da nossa ração, porém alguns soldados dos Estados Unidos não gostaram e reclamaram, pois consideravam os italianos inimigos, quase que houve atrito ali, precisou a intervenção dos comandantes, dizendo que todos eram aliados, para que evitássemos qualquer desavença, encontramos em algumas residências destruídas, instrumentos musicais como violão, piano, violoncelos e outros(figura 6).

Figura 6



: Soldado Alexandre Rezende Patrício e companheiros

Fonte: Arquivo de família

No verão de 1944, o Quinto Exército avançava em toda a Itália e seus comandantes esperavam destruir toda a resistência alemã antes que a neve começasse a cair nos Apeninos. Portanto, a FEB teve que realizar todo o treinamento que pudesse adquirir e entrar combate rapidamente, para que pudesse cumprir seus objetivos, a FEB tinha de enfrentar o exército alemão e obter vitórias no campo de batalha (FERRAZ, 2005).

Ao longo das primeiras semanas na Itália, a determinação de Mascarenhas de Moraes conquistou o respeito dos comandantes americanos. Em 26 de julho, após repetidas reuniões, as autoridades dos EUA concordaram em mover a FEB para o norte, para a região de Tarquina, cerca de 100 quilômetros ao norte de Roma. Quando a FEB chegou ao Norte foi oficialmente incorporada ao Quinto Exército dos Estados Unidos e em poucos dias receberam “uma verdadeira montanha de material de guerra variado e complexo” (MORAES, 2009, p. 14). A incorporação no Quinto Exército junto com a chegada de seus suprimentos proporcionou aos febianos o necessário impulso moral.

Assim, durante seu primeiro mês na linha de frente, os 5 mil integrantes do 6º Regimento de Infantaria Brasileiro, enfrentou com sucesso as tropas alemãs e

recapturou várias aldeias italianas enquanto sofreu um número mínimo de vítimas, isso contribuiu muito para o prestígio da FEB no Brasil, onde muitos duvidavam que alcançariam sucesso tão cedo. Nos campos de batalha da Itália, um dos fatores para os sucessos militares, foi o cansaço das forças alemãs, as quais já estavam em processo de retirada das suas defesas para a fortificada Linha Gótica (BONALUME, 2021).

Até outubro de 1944, o Estado-Maior superou o primeiro ciclo de tarefas logísticas e dificuldades burocráticas enquanto os febianos trabalhavam para se familiarizarem com armamento e táticas. Com isso, no dia 15 de setembro, os 5 mil integrantes da força de combate brasileira, equipe liderada pelo General Zenóbio, entrou em combate na bacia do rio Serchio, perto de Viareggio, vinte e cinco milhas ao norte de Pisa. No final de outubro, após quarenta e cinco dias de combate, a sua experiência e a confiança cresceram (MORAES, 1965).

A partir de novembro de 1944, a FEB avança pelo rio Reno, em direção do Monte Castelo (apesar do nome, não tinha um castelo em cima), nos Apeninos, a conquista deste local foi muito custosa, com 195 mortos, vários feridos, mas virou um símbolo da campanha na guerra, após quatro ataques em 1944, sem sucesso, a conquista só foi possível em 21 de fevereiro de 1945 (BONALUME, 2021).

A Linha Gótica³ era extensão montanhosa de 280 Km, a série de linhas de defesa nazifascistas no norte da Itália, partia da região costeira do Mar Tirreno, indo do oeste italiano, nas regiões de Carrara e La Spezia, passava pela cadeia de montanhas formada pelos Apeninos, terminando à leste, nas áreas de Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Mar Adriático. Sua finalidade principal era retardar ao máximo, e se possível bloquear, os avanços aliados até a região de Bolonha (HASKEN, 2012).

O rompimento desta linha, proporcionou ao Brasil e Aliados avanços territoriais importantes, porém a batalha mais sangrenta ainda estava por vir.

Nos fragmentos do relato da enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, (*apud* FRÖHLICH, 20015, p.137):

³ HASKEN, Michael E. A linha gótica: como os aliados romperam as defesas da Alemanha na Itália disponível em: <https://warfarehistorynetwork.com/article/the-gothic-line-how-the-allies-breached-germanys-defenses-in-italy/14/02/2024>.

“Enfermaria cheia. Quanta mutilação! Quanta miséria... Na sala de operações o aspecto é terrível. Pedacos humanos recolhidos em carrinhos de mão e enterrados em enormes crateras nos fundos do hospital. Que coisa terrível é a guerra... As equipes médicas se desdobram em operações sucessivas. Os sargentos enfermeiros e nós, enfermeiras, trabalhando em horários cansativos e extenuantes... Estou escrevendo estas notas depois da noite horrorosa que passei. Larguei o serviço às 7h e já são 22h, e o sono não vem. As mutilações me tiraram o sono... As chegadas foram em massa. Como sofri! São homens que nunca vi. Entretanto, sofro por eles... Que competência mostraram os cirurgiões brasileiros e americanos misturados na sala de operações salvando vidas!”

Um dos piores confronto com os alemães foi em Montese, em 14 de abril de 1945, onde tombou o sargento Max Wolff Filho, do 11° RI (Reconhecimento e Infantaria) (BONALUME,2021). Ary Abreu (*apud* FRÖHLICH, 20015, p.155) relatou:

Em Montese, a barra pesou! Foi o combate mais duro da FEB. Castelo foi o mais difícil e mais demorado, mas Montese foi o mais violento. Ali foi dureza... A 9ª Companhia atacou Paravento; a 7ª, Serretto, onde Ary foi ferido; e a 8ª, o monte Buffone. Foi difícil demais! Era muito tiro, muita bomba, muito morteiro, muita mina... O alemão defendeu a posição com muita garra. Como eles iriam recuar, acho que, para não abandonar a munição, despejaram tudo em cima da gente. Foi dureza, mas o batalhão se saiu bem

A FEB, bem como seus aliados tiveram que enfrentar o inimigo em uma área urbana, cheia de armadilhas e ainda com moradores locais no meio do fogo cruzado.

Conforme a FEB iam conseguindo suas conquistas territoriais, também foram fazendo prisioneiros alemães, de acordo com entrevistado (ITOR, 2024):

Alguns alemães foram capturados, alguns já cansados de batalhas outros estavam ali porque foram obrigados, mas alguns companheiros que também falavam alemão traduziram que eles preferiam se render aos brasileiros do que aos Estados Unidos. Tem até uma foto do grupo do pai com um alemão (figura 7).



Figura 7: Brasileiros e alemães

Ary Abreu (*apud* FRÖHLICH, 20015, p.109) relatou:

Recebemos instruções para vivenciarmos uma guerra, para confrontarmos com um soldado excelente, digno de ser respeitado e que também nos respeitava. Nós aprendemos com os alemães a coerência, a disciplina e o respeito. Quando aprisionávamos inimigos, nós os respeitávamos; eles agiam da mesma maneira com os nossos, que eram prisioneiros deles. Eu sempre elogiei o soldado alemão e não é de graça, não. Vi no exército alemão muita ordem e disciplina, apesar de, quando confrontamos com eles, já estivessem desfalcados de muitos recursos para continuarem a guerra [...]

Sobre o contato com alemães um veterano relatou que em certo momento da guerra em uma área chamada terra de ninguém, onde era útil aos dois lados do confronto, sendo uma pequena cidade, por sugestão dos alemães, eles patrulhavam de manhã e os brasileiros a tarde, a noite ninguém patrulhava, acordo feito através de um italiano (BONALUME, 2021). Certa vez, em uma roda de conversa, ouvimos o seguinte relato pelo ex-combatente Alexandre Rezende:

[...]Houve um local onde alemães se encontravam com brasileiros a noite, seria um porão de uma taverna, onde bebiam, jogavam e se divertiam, as escondidas, sem que os estadunidenses soubessem senão teria briga, e funcionou por um tempo.

EM Fornovo di Taro,(figura 8) houve a rendição de 14.779 alemães a maioria 148ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Gen. Otto Fretter-Pico e italianos comandado pelo Gen Mano Carloni da 1ª Divisão Bersaglieri e a 4ª divisão de montanha, se renderam aos brasileiros, sendo o ponto-final das grandes operações da FEB, (BONALUME,2021).

Figura 8



: O General Otto Freter, comandante da 148ª divisão alemã, apresentando a rendição de sua tropa ao General brasileiro Zenóbio da Costa (Arquivo do Exército Brasileiro).

Dentre os vários horrores da Guerra, alguns soldados tiveram ferimentos de diversas naturezas, também havia a vivência de poder ser atingido ou presenciar a morte, de acordo com o entrevistado (ITOR, 2024):

Uma das memórias mais terríveis foi presenciar a morte de um amigo (figura 9) o qual fora atingido pôr fogo de metralhadora, eu nunca tinha visto alguém morrer, mesmo sabendo que isso poderia acontecer a qualquer momento, mas foi uma experiencia que não desejo a ninguém, ele morreu nos meus braços, enquanto o “tiro comia”, o pai falava isso e sempre chorava.

Figura 9



: próximo da tomada de Monte Castelo

Fonte: arquivo familiar

Quando a guerra acabou os soldados conseguiram alguns dias de folga na Itália, puderam visitar várias cidades famosas como Pisa, Roma, Florença dentre outras e monumentos históricos. Segundo o entrevistado (ITOR, 2024):

O pai esteve na catedral de Pisa, (figura 10) também foi ao Vaticano, tínhamos várias Figuras, mas foram perdidas assim como alguns documentos e objetos, lá na Itália mesmo ele disse que os soldados do Brasil e de outros países, trocavam objetos, equipamentos, Figuras e acabavam sumindo algumas coisas.

Figura 10



: Catedral de Pisa, arquivo familiar



Figura 11: Reprodução/Cláudio Cunha

Fonte: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2014/06/um-mineiro-na-segunda-guerra-mundial.html>

CAPITULO 3: A VOLTA AO BRASIL

A participação do Brasil 2ª Guerra Mundial, os feitos da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália, são assuntos amplamente estudados, debatidos em diversos meios acadêmicos, assim os efeitos que sucederam foram marcantes para muitos ex-combatentes e seus familiares, os sentimentos foram diversos, conforme relata o entrevistado (ITOR, 2024):

Os ex-combatentes souberam que a FEB havia sido desmantelada ainda quando estavam retornando em navios. Nas conversas dos soldados, alguns faziam planos de se embrenharem em locais remotos para nunca mais serem convocados, alguns pretendiam ficar em grandes centros, outros constituir famílias e alguns continuar na vida militar como policiais. Alguns comentavam sobre episódios, como terem visto neve pela primeira vez, frio já tinham passado, mas igual aquele, foi complicado. O pai mesmo sendo descendente de etnia Guató da região de Corumbá, nunca havia sequer saído do estado de Mato Grosso do Sul, foi conhecer São Paulo, Rio de Janeiro e a Itália, nestas condições.

Após o fim da Guerra, conforme Fröhlich (2015), já no Brasil, os ex-combatentes foram condecorados com Medalhas de Campanha, várias comemorações em diversos locais. Mas passados os meses de euforia, até mesmo os militares de carreira sentiram a discriminação, o desemprego e desprezo da sociedade brasileira. Também relata o entrevistado (ITOR, 2024):

Vários se viram a margem da sociedade, muitos desempregados, alguns militares de carreira fizeram parte da nova ordem, como militares e políticos. O pai foi para o Rio de Janeiro, São Paulo, Campo Grande e Três Lagoas, trabalhando pela rede elétrica, foi quando conheceu a mãe (Marcionília Araujo Rezende) e se casaram em 1947 (figura 12), eu nasci em 1949, um fato curioso que a mãe contava; foi que, no embarque dos soldados em Campo Grande, ela estava na estação de trem, assistindo junto a outros familiares, sem saber que poderia ter esbarrado com seu futuro esposo.



Figura 12: Casamento de Alexandre P. Rezende e Marcionília A. Rezende

Fonte: Arquivo familiar

“Quando a gente voltou, a gente fez a democracia” (apud BONALUME, 2021, p. 241) diz Antonio Cruchaki, ex-soldado do 9º Batalhão de Engenharia, em resumo dos efeitos da participação da FEB. Diversos sentimentos, se apossaram dos ex-combatentes, ao serem novamente inseridos na sociedade brasileira. Conforme nos relata entrevistado (ITOR, 2024):

Os ex-combatentes passaram anos com sentimentos diversos, principalmente como heróis esquecidos, alguns não foram localizados pois foram para lugares longínquos, fazendas, sertão, de difícil comunicação outros por que não queriam ter contato mesmo, outros se revoltaram contra os políticos e comentários que viram pela imprensa, políticos que se aproveitaram da situação, o pai foi para reforma trabalhando no Hospital Geral (HG) Fazia serviços gerais, ajudava enfermeiros, trabalhava com fichários, descobriu um primo que veio de Porto Murtinho, filho da irmã do bisavô, Manoel Patrício Rezende, também encontrou alguns companheiros de guerra inclusive o Gen. Pitaluga que também foi comandante do Batalhão de Logística-Blog.

A partir da criação Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) em 1963, teve uma maior aproximação entre os ex-combatentes no estado de Mato Grosso do Sul, pois em campo grande, se reuniram ex-

combatentes de diversos locais do país como relata entrevistado (ITOR, 2024):

Quando começaram a frequentar a associação era uma oportunidade de encontrar velhos conhecidos e amigos, Associação dos veteranos era no hotel de transito, foi quando começaram a ter uma reaproximação do Exército e reconhecimento da sociedade, eu me interessei por aprender a música vendo as bandas do exército e meu pai tocando violão, fazia solos de violão, cantava chamamé, correntina, guarânias e também em guarani, inspiração para outros da família também aprender instrumentos, quando estava na Itália, achou um violão nos escombros, mas havia vários instrumentos como pianos, violinos, violoncelos, flautas, clarinetes e outros, abandonados nas residências, tem uma Figura tocando o violão e um outro soldado fazendo de pandeiro um capacete.

A experiência e as memórias da guerra, tiveram influência na vida que seguiu após o fim da guerra, para formação da família e na transmissão de valores de cidadania, de acordo com entrevistado (ITOR, 2024):

O pai, enquanto aguardava emprego do exército, trabalhou no laticínio até 1966, fizeram horta e plantações, mudou-se com a família para casa definitiva no bairro Jardim Paulista, também eram bom assador de carne, gostava de roda de violão, tinha um amigo chamado quem-quem que tocava acordeon, isso me inspirou e me dedicar muito aos estudos, colégio Geraldo Castelo, e a prender instrumentos na filarmônica, começando com, clarineta e depois saxofone, aos filhos de alguns expedicionários, principalmente cujo pai já havia falecido foram oferecido empregos em alguns setores, como forma de compensação, eu tive uma oportunidade, mas no dia esqueci de voltar pra entrevista, perdeu oportunidade de trabalho, mas acabei entrando em uma serralheria e aprendendo a profissão.



Figura 13: Desfile dos ex-combatentes, 7 de setembro 1970, rua 14 de Julho Campo Grande-MS

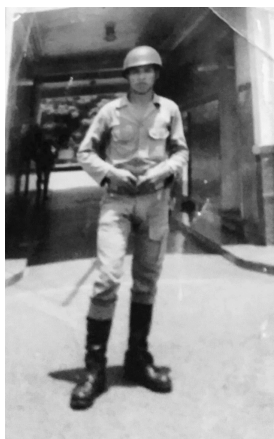
Fonte: Arquivo de família

Enfim, o hábito de sempre estar em atividade produtiva e pensando no bem estar da família, foi uma dentre os muitos valores transmitidos pelo ex-combatente Alexandre Patrício Rezende, faleceu aos 58 anos em 1979, porém, tive oportunidade de conhece-lo e de ouvir suas histórias, apesar de muito novo, quando se reunia com amigos e parentes em rodas de conversa, sempre trazia relatos de episódios vivenciados durante o período da Segunda Guerra, também incentivou o habito de assistir aos desfiles das forças armadas no dia 7 de setembro (figura 13) , realizado na rua 14 de Julho em Campo Grande, assim como em outras cidades do Brasil, havia um pelotão de ex-soldados da FEB que participavam orgulhosos, sendo ovacionados pela multidão que compareciam em massa, fato que inspirou alguns familiares na oportunidade de prestar o serviço militar como o tio Itor Benedito Rezende, o meu Pai João Epitácio Rezende, meu primo Alexandre Rezende todos prestaram serviço militar no Exército e eu na Força Aérea Brasileira.



Alexandre Patrício Rezende

Itor Benedito Rezende



João Eptacio Rezende

Jhone A. Rezende



Figura 14: Alexandre Patrício Rezende, Itor Benedito Rezende, João Eptacio Rezende e Jhone A. Rezende

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Força Expedicionária Brasileira era uma força militar, também com uma missão política, que era fortalecer as forças armadas e proporcionar ao Brasil uma posição de destaque global junto aos países Aliados e na América Latina. Tendo silenciado os seus críticos no país e no estrangeiro, apesar das dificuldades encontradas mesmo antes de embarcar para a Itália, onde também enfrentaram dificuldades da geografia local, convívio com os aliados, sendo a cultura diferente, mostraram que podiam planejar e realizar uma operação ofensiva bem-sucedida contra um inimigo bem fortificado.

Para a FEB, o sucesso dependia de sua capacidade de organizar, treinar, e alcançar vitórias no campo de batalha e ao mesmo tempo fortalecer a imagem do Brasil no cenário internacional. Tendo alcançando todos esses objetivos, depois de retornar do campo de batalha, a política brasileira afetou a FEB. No primeiro momento, seus sucessos fizeram um símbolo de orgulho nacional — seus oficiais e soldados eram heróis.

Porém, muitos soldados que compunham a praça, os que encaravam os combates na linha de frente, com funções diversas e puseram a “mão na massa” retornaram com sentimentos de desconfiança e foram entregues a sociedade sem muito louvor, sendo o reconhecimento somente tempos depois. Nas décadas que se seguiram ao seu retorno, houve flagrante má vontade em relação à FEB por parte do governo e autoridades. Os veteranos não receberam a pensão prometida até 1988; muitos, não alcançaram esse benefício tendo falecido antes desta data.

Com esse trabalho espera-se ter contribuído com a apresentação de alguns fatos relevantes para a historiografia brasileira, na qual se valeu dos relatos de descendentes como fonte histórica, assim como os relatos de ex-combatentes, disponíveis em fontes públicas de pesquisa. Porém, foi necessária uma análise das informações dos depoentes, com base na bibliografia consultada. Procurou-se externar as memórias de ex-combatentes da FEB durante a presença na Itália, deixando como legado a experiência para gerações futuras, sobre os eventos que

ocorreram no período da Segunda Guerra Mundial na história contemporânea. Espera-se ter trazido questões importantes da história brasileira, além de apresentar a guerra e suas consequências, mas também os valores para construção de uma sociedade justa e democrática para o leitor.

REFERENCIAS

ALVES, C. F. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, 208 p. (Coleção Ciências Sociais, v. 3).

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra**: os Brasileiros em combate, 1942-1945, Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2021, 256 p.

BRAYNER, Mal Floriano de Lima. **A Verdade Sobre a FEB**. Memórias De Um Chefe De Estado-Maior Na Campanha Da Italiana, 1943-1945. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

CARVALHO, J. M. D. Forças Armadas e Política no Brasil, 1930-45. The Hispanic American Historical Review, v. 62; nº 2, p. 193, 1982. doi:10.2307/2514978

COSTA, Helton. **Material Publicitário Oficial** da Associação Nacional Dos Veteranos Da Força Expedicionária Brasileira - ANVFEB / MS. Campo Grande, 2021.

FERRAZ, F. C. A. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

AMADO, J. **A Culpa nossa de cada dia: ética e história oral**. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. **Vozes da Guerra** / Sirio Sebastião Fröhlich – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. 376 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 915. Coleção General Benício; v. 515)

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. Vozes da Guerra / Sirio Sebastião Fröhlich – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. 376 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 915. Coleção General Benício; v. 515) **Ary Abreu**, p. 109 e 155.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. Vozes da Guerra / Sirio Sebastião Fröhlich – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. 376 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 915. Coleção General Benício; v. 515) **Eneas Araujo**, p. 60.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. Vozes da Guerra / Sirio Sebastião Fröhlich – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. 376 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 915. Coleção General Benício; v. 515) **Pedro Vidal**, p. 62.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. Vozes da Guerra / Sirio Sebastião Fröhlich – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015.376 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 915.Coleção General Benício; v. 515) **Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero**, p.137)

HASKEN, Michael E. **A linha gótica: como os aliados romperam as defesas da Alemanha na Itália** disponível em: <https://warfarehistorynetwork.com/article/the-gothic-line-how-the-allies-breached-germanys-defenses-in-italy/>, 14/02/2024.

HILTON, S. H. Hitler's Secret War in South America, 1930-1945: German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983, pp. 353. **UCLA Historical Journal**, v. 4, p. 127-128. e-ISSN: 0276-864X <https://escholarship.org/uc/item/3916s9q4#main>.

MCCANN Frank D., "Brazil and World War II: The Forgotten Ally. What did you do in the war, Zé Carioca?" **Estudios Interdisciplinarios de America Y el Caribe** 6 (July-December 1995).
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4306786/mod_resource/content/1/IAPFrankMcCannonBrazil%20and%20World%20War%20II%20\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4306786/mod_resource/content/1/IAPFrankMcCannonBrazil%20and%20World%20War%20II%20(1).pdf).

MCCANN, F. D. Brasil, Estados Unidos e Segunda Guerra Mundial: um comentário. *História Diplomática*, v. 3, nº 1, p. 59–76, 1979. doi:10.1111/j.1467-7709.1979.tb00301.x

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **The Brazilian Expeditionary Force by its Commander**. Washington D.C.: US Government Printing Office, 1965. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=MJoFAQAAIAAJ&pg=GBS.PP1&hl=pt>. Acesso em 20 jan. 2024.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. A Força Expedicionária Brasileira por seu Comandante A FEB pelo seu Comandante – Realização do ataque ao Monte Castello. **O GAÚCHO**. Órgão de divulgação das atividades do instituto de história e tradições do Rio Grande do Sul. 23 anos do IHTRGS. Fundado no Sesquicentenário da Batalha do Seival, Ano 2009 Nº 83.
<https://www.ahimtb.org.br/ogaucho/O%20Ga%C3%BAcho%2083.pdf>.

MOTTA, Aricildes de Moraes. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. TOMO 8. **Soldado Augusto Alfredo Pinto**, p. 318.

MOTTA, Aricildes de Moraes. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. TOMO 1. **General-de-Brigada Plínio Pitaluga**, p. 141.

MOTTA, Aricildes de Moraes. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. TOMO 3. **Capitão Benedito Nunes de Assis**, p. 88.

MOTTA, Aricildes de Moraes. História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. TOMO 1. **General-de-Divisão Geraldo Augusto D'Abreu**, p. 81

MOTTA, Aricildes de Moraes. História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. TOMO 1. **Marechal Waldemar Levy Cardoso**, p. 24.

MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1945: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: FUNAG, 2012. 277 p.; 23 cm.
https://funag.gov.br/loja/download/998-Relacoes_Exteriores_do_Brasil.pdf.

PADRÓS, Enrique. S.; RIBEIRO Luis Dário T.; GERTZ, René E. (org.). **Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón**. Porto Alegre. Editora Folha da História. 2000. 296 p.

PEREIRA, D. L. **Operação Brasil: O ataque alemão que mudou o curso da segunda guerra mundial**. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

Significado de Quinta Coluna, disponível em:

<https://www.significados.com.br/quinta-coluna/>, acesso em 10/02/2024.

SMALLMAN, Shawn C. The official story: the violent censorship of Brazilian veterans, 1945-1954. **Hispanic American Historical Review**, v. 78, n. 2, p. 229-259, 1998. doi:10.2307/2518116.

Fontes Documentais:

Entrevista com Itor Benedito de Rezende. Na cidade de Campo Grande - MS, na residência do mesmo. No dia 27/01/2024.

APÊNDICES

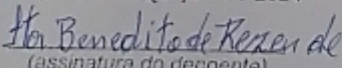
APÊNDICE A: Entrevista com Itor Benedito de Rezende. Na cidade de Campo Grande - MS, na residência do mesmo. No dia 27/01/2024

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS CURSO DE HISTÓRIA	
---	---	---

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Itor Benedito de Rezende, brasileiro, casado, serralheiro, CPF número 142 587 731 15, Carteira de Identidade número 542 708 emitida pelo SSP/MS, domiciliado e residente na cidade de Campo Grande-MS, endereço RUA DAS ROSAS, 646 JD TOKEY CLUBE declaro ceder a Faculdade de Ciências Humanas (FACH/UFMS) sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a (FACH/UFMS), na cidade de Campo Grande, em JANEIRO de 2024 perante o pesquisador Jhone Arruda de Rezende, acadêmico do curso de História (FACH/UFMS).

O curso de História (FACH/UFMS) fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo, para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Campo Grande 20 janeiro 2024

(assinatura do depoente)